Jornalismo Ambiental em *rede* e a *Biodiversidade* no foco da mídia[1]

Camila Pelegrini MOTTA[2]
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio

Resumo
A presença da mídia alternativa hoje como divulgadora do discurso ecológico, através do jornalismo, principalmente nos tempos atuais com as *novas tecnologias* vem colaborando para as mudanças de consciência sobre o debate sobre o meio ambiente. Este trabalho apresenta a abordagem jornalística ambiental que caminha na construção de um discurso midiático de ligação do "humano" ao ambiente natural como forma de pertencimento ao mesmo espaço e pela sustentabilidade de ambos, resgatada pelo movimento ambientalista, visão que amplia a abordagem fragmentada *fauna-flora*, que isola o mundo natural bem longe do mundo "civilizado".Logo no ano de 2010, no qual a *biodiversidade* está em foco nas discussões de políticas públicas das cúpulas internacionais, é mais do que necessário perceber e adotar uma visão sistêmica, onde o *mundo natural* faz parte do mesmo mundo onde habita a sociedade contemporânea e cujas ações o afetam diretamente, e vice-versa.

Palavras-chave
jornalismo ambiental;novas tecnologias;biodiversidade;sociedade;mobilização

O homem não é social pelo produtivo mas pelo comunicativo" Habermas

Redes Ecológicas Virtuais do jornalismo ambiental no Brasil

Depois da Conferência da ONU sobre Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, em 1972, as questões ambientais começaram a aparecer com maior freqüência na imprensa internacional.Segundo McCormick, quando em abril dos anos 70 os norte-americanos se reuniam na maior manifestação ambientalista da história, o *Dia da Terra*, revistas e jornais do mundo estampavam o ambientalismo como questão pública fundamental. Na revista *Time*, o meio ambiente era o tema dos anos 70, e para a revista *Life*, tratava-se de um movimento que ia dominar a nova década. Outro ponto importante foi a criação em 1968 do *Clube de Roma*, um grupo informal de cientistas, tecnocratas e políticos, cuja meta era incentivar a compreensão dos componentes políticos, econômicos, naturais e sociais, interdependentes do sistema global para tomar novas atitudes políticas para minimizar os problemas do mundo.É o momento em que 'o homem foi redescoberto como parte da natureza'. Em 1972, em Estocolmo seria

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, membro do grupo de pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiência Profissional - PUC-Rio, pesquisa a temática ambiental no universo do jornalismo.Email: pelegrini.camila@gmail.com

realizada pelas Nações Unidas com 113 nações uma Conferência para se discutir os problemas do meio ambiente global.

Em meados dos anos 80, a mídia abre espaço ao tema depois de um alerta com a descoberta do buraco na camada de ozônio e as primeiras hipóteses sobre o impacto das atividades humanas no aumento do aquecimento global. Na imprensa brasileira nesta época, as preocupações voltam-se principalmente para os problemas ambientais da Amazônia.Desde os anos 60, o movimento ambientalista vem abrindo caminho de forma política para a divulgação das questões ambientais.O jornalismo, principalmente em sua vertente mais alternativa, como um ofício que visa a formação da opinião pública, a responsabilidade para com a sociedade, e a valorização da cidadania e da democracia, acompanha desde então o movimento como narrador dos fatos relevantes do tema ao longo do tempo. De acordo com McCormick (1992), primeiramente se a proteção da natureza havia sido uma cruzada moral centrada no ambiente não humano e o conservacionismo um movimento utilitário centrado na administração racional dos recursos naturais, o ambientalismo centrou-se na humanidade e em seus ambientes. Para os protecionistas a questão era a vida selvagem e o habitat; para o Novo Ambientalismo, a própria sobrevivência humana estava em jogo[3]

A partir da metade da década de 1980 as investigações sobre o jornalismo ambiental começaram a ser publicadas no Brasil, mas ainda em pequena escala.Em 1987, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento divulgava o relatório *Nosso Futuro Comum* que seria a base das discussões da Eco-92, Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada em junho de 1992 no Rio de Janeiro reunindo jornalistas do mundo todo.

A profusão de estudos sobre o tema foi característica da década de 1990, impulsionados pela cobertura jornalística da Rio-92 que seria a renovação dos votos de Estocolmo em 72, com a diferença que aponta Aguiar:

> A diferença é que a conferência de 1972 teve como principal preocupação introduzir a questão ambiental nas políticas de âmbito nacional de cada país, enquanto que a Rio-92 trouxe para o debate o avanço da degradação ambiental

[3] Segundo McCormick, as questões ambientais do mundo ocidental surgem localmente destacando problemas como a poluição, caça e perda de florestas, tornando-se depois um movimento nacional e posteriormente internacional. Primeiramente na Inglaterra,Alemanha e França nos séculos XVIII e XIX, se estende nas colônias britânicas até a primeira metade do século XX, com destaque aos EUA, e em seguida pelo mundo todo.Até o momento a visão preservacionista da natureza selvagem prevalecia,vide os *Parques Nacionais* como modelos.O desenvolvimento da ciência, o crescimento da indústria, os deslocamentos populacionais e as mudanças nas relações sociais e econômicas foram fatores que influenciariam a amplitude do ambientalismo.

> em nível internacional e a importância de soluções globais para os problemas ambientais, igualmente, globais. Ou seja, constatou-se que os danos ambientais não respeitam as fronteiras entre países e, nos vinte anos entre as duas reuniões da ONU, houve um agravamento dos problemas ambientais, tornados transfronteiriços (AGUIAR, 2005,9)

Outro momento de produção de investigações sobre jornalismo ambiental ocorreu com a assinatura de diversos países do Protocolo de Kyoto (1997), pela diminuição de gás carbônico na atmosfera causada pelos processos industriais e pela dinâmica dos centros urbanos, e a divulgação dos relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (2003 a 2007), considerando o aumento de situações extremas que passam a afetar diretamente a vida das pessoas e a sociedade global, de grandes tempestades, e ventos fortes que geram furacões e tornados em algumas regiões, a alterações no ritmo dos oceanos provocando alagamentos desproporcionais e ondas gigantes, em outras, além de períodos de seca mais intensos nas demais.

Desde os anos 70 no Brasil, jornalistas como Randau Marques e suas matérias sobre poluição industrial, Lúcio Flávio Pinto e as reportagens sobre a Amazônia, e Elson Martins, que assistiu de perto o aparecimento da liderança de Chico Mendes na luta pela criação da Reservas Extrativistas no Acre, deixaram importantes contribuições para a história do jornalismo ambiental.Nessa história entram também *fontes* importantes como a do agroquímico da Basf, José Lutzenberger, que além de se preocupar em divulgar informações sobre os perigos da globalização do ponto de vista ecológico e social, combatia o uso de agrotóxicos - no caminho das denúncias de Rachel Carson que em 1962 com o livro *Silent Spring*[4] apontava as origens do movimento ambientalista.O jornalista Washington Novaes, em 1991 na revista *Imprensa*, já indicava em sua coluna caminhos para uma cobertura mais relevante do tema, justificando que a imprensa brasileira ainda exagerava no foco em catástrofes ambientais e dava pouca importância aos novos temas e soluções inovadoras que estavam surgindo para uma boa pauta.Com isso o jornalista nos lembra que um jornal não se faz só de notícia,‘se faz de pensamento.Registra diariamente a evolução das idéias, hábitos e costumes.Um jornal é a história de seu

[4] Publicado em 1962, o livro da bióloga marinha norte-americana Rachel Carson, Primavera Silenciosa,detalhou os efeitos da má utilização dos pesticidas e inseticidas químicos sintéticos,gerou muita controvérsia e aumentou a *consciência pública* quanto às implicações da atividade humana sobre o meio ambiente e seu custo para a sociedade humana (Mccormick,1992)

tempo.'(MORETZSOHN,p.164,2002).

Segundo o editor do New York Times, Seymour Topping informação não é sinônimo de notícia, por isso o jornalista tem uma função política como mediador:

> Ao classificar e selecionar o enorme dilúvio de informações às quais nós temos acesso, o jornalista desempenha uma função crucial nesta era da informação. Sem jornalistas treinados e responsáveis, nos arriscamos a ser inundados por uma abundância de fatos e imagens sem contexto, muitos dos quais trivialidades.(MORETZSOHN,p.170,2002).

Atualmente, é o mundo virtual o grande mobilizador dos agentes sociais mostrando que a potência das ações comunicativas podem ser articular em rede.Para Pierre Levy (1995), a inteligência coletiva (IC) é, basicamente, a partilha de funções cognitivas, como a memória, a percepção e o aprendizado. Para o autor, elas podem ser melhor compartilhadas quando aumentadas e transformadas por sistemas técnicos e externos ao organismo humano, referindo–se aos meios de comunicação e à internet. Segundo Levy, a inteligência coletiva só progride quando há cooperação e competição ao mesmo tempo, por exemplo, como a comunidade científica, capaz de trocar idéias (= cooperar) porque tem a liberdade de confrontar pensamentos opostos (= competir) e, assim, gerar conhecimento. Deste equilíbrio entre a cooperação e a competição que nasce a IC.

É fato que as informações de ONG's e redes de comunicação são capazes de 'provocar alterações na organização do pensamento, na visão de mundo e na escala de valores dos receptores visando a uma ação imediata ou a uma mudança de comportamento de longa duração'(LOPES, 2003,p.160).Com cerca de 300 jornalistas cadastrados, a RBJA (Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental)[5] coordenada pelo jornalista Roberto Villar, está promovendo a integração de comunicadores de todo o Brasil, possibilitando a troca de pautas, fontes e informações via virtual, e também a convivência dos que estão chegando agora ao mercado com os veteranos da área.

Fora da grande imprensa, o jornalismo ambiental vem aparecendo com força em várias publicações, ligadas a ONGs ou não, e em uma série de serviços que vêm surgindo no ciberespaço.Essa movimentação periférica culminou na criação da Associação Brasileira das Mídias Ambientais *(Ecomídias)*, com o objetivo principal de convencer as agências de publicidade a programarem anúncios nos veículos especializados, de divulgação dirigida. As agências de notícias ambientais também se

[5] Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental: www.jornalismoambiental.jor.br

fortalecem desde a década de 90. De grande abrangência a *Ambiente Brasil* e *O Eco* convergem informações como portal de notícias e reportagens, artigos e blog's.Importante destacar dentre outros, a revista *ECO 21* e a *Folha do Meio Ambiente*, com reportagens especializadas, e o *Agir Azul*, primeiro site de jornalismo ambiental do Rio Grande do Sul, que criou as bases para a EcoAgência do NEJ, Núcleo de Ecojornalistas - RS[6], o primeiro do país, e tem uma banco de dados com suas matérias divulgadas entre 1992-1998.Com uma significativa participação em divulgar informações ambientais e promover eventos, a Agência Envolverde[7] coordenada pelo jornalista Adalberto Marcondes, já atua desde 1995, em parceira com a Agência Inter Press Service (IPS) e com os Programas das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e para o Desenvolvimento (Pnud). Desde então vem se especializando na cobertura de temas relacionados ao meio ambiente, desenvolvimento humano, educação e cidadania planetária.Em 1998 o site da Envolverde entrou no ar, e em janeiro de 2005 nascia a Envolverde – Revista Digital, que reúne todo o conteúdo jornalístico produzido pela equipe da Envolverde.

De acordo como jornalista Vilmar Berna, um dos fundadores da Ecomídias e da REBIA(Rede Brasileira de Informação Ambiental)[8], cada veículo novo que surge na área ambiental cumpre uma importante função social: "Não significa apenas aumento de postos de trabalho para profissionais especializados, mas também um fator a mais de favorecimento do diálogo entre os diferentes setores da sociedade que precisam

---

[6] **O NEJ** - Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul – NEJ/RS, com sede em Porto Alegre, foi fundado em 1990 e é o pioneiro no país. Hoje o NEJRS é uma ONG que se constitui em referência nacional sobre jornalismo ambiental.Em 1993, os integrantes do Núcleo já estavam em contato com jornalistas especializados em meio ambiente de 55 países, a partir do I Congresso da Federação Internacional de Jornalistas de Meio Ambiente, que aconteceu de 3 a 4 de novembro de 1994, no Palácio da Unesco, em Paris. A partir da experiência do NEJ/RS outros núcleos brasileiros surgiram e foi por iniciativa do núcleo gaúcho que se criou a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (1998). Mais tarde, em 2000, o NEJ/RS esteve à frente também do surgimento da Rede de Comunicação Ambiental da América Latina e do Caribe (2000). Fonte: http://www.ecoagencia.com.br/

[7] Fonte: http://www.envolverde.com.br/

[8] A REBIA – Rede Brasileira de Informação Ambiental é uma OSC (Organização da Sociedade Civil), sem fins lucrativos, independente, que visa contribuir para a formação e fortalecimento da cidadania socioambiental planetária. A REBIA tem uma visão plural e democrática da questão socioambiental.A REBIA mantém uma Rede de Colaboradores e Jornalistas Ambientais e diversos Fóruns Livres de Debates Socioambientais, que reúnem mais de 3.000 membros ativos, através dos quais recebe sugestões de pauta, artigos e indicações de material publicado na mídia.Este material, selecionado, é inserido diariamente no PORTAL DO MEIO AMBIENTE, e é gerado o boletim digital NOTÍCIAS DO MEIO AMBIENTE, enviado diariamente por e-mail, através da Agência REBIA de Notícias Socioambientais, para mais de 40.000 leitores cadastradosFonte: http://www.rebia.org.br/

estabelecer parcerias por um desenvolvimento sustentável".

A cobertura ambiental é uma questão política. Os grandes veículos de comunicação têm o poder de colocar - e retirar - assuntos na agenda das discussões públicas. Para termos de fato uma cobertura qualificada das questões ambientais no Brasil, é preciso que os editores entendam que o assunto merece o mesmo status da política e da economia, exigindo também matérias investigativas de fôlego.Não basta mostrar na televisão paraísos perdidos na Amazônia e no Pantanal, é preciso explicar as verdadeiras causas da crise ambiental que ameaça o país com a maior biodiversidade do mundo. De acordo com Bueno (1998,2009), o saber ambiental não se confunde ou é privilégio de instâncias especializadas, mas seria sim o resultado da articulação de múltiplos saberes, com forte e benéfica influência dos saberes, experiências e conhecimentos tradicionais.Algumas mídias mais conservadoras segundo o autor não compreendem em muitos casos, as raízes do jornalismo ambiental, que para ele seria a *mobilização para o despertar de consciências,* e contrário disso, o tornam refém de ações mercadológicas ou empresariais e interesses políticos.

Recentemente, alguns temas, e certas polêmicas em torno dos mesmos, trouxeram novo impulso ao jornalismo ambiental, como os transgênicos,a devastação dos biomas, a biopirataria como ameaça à diversidade e à soberania nacionais, a questão da insustentabilidade das cidades, o problema do consumo e do lixo, a escassez da água, o aquecimento global (efeito estufa e subtemas equivalentes), as mudanças climáticas e a segurança alimentar.

Porém nem apenas de harmonia e utilidade pública vive a pauta ambiental.Para as pessoas em geral, é a cobertura de um tema ambiental pela mídia que dá a medida de sua importância, o que nem sempre acontece nesse grau de importância pela *grande mídia*, sendo que as fontes mais confiáveis ainda são as governamentais, e ainda assim muitas vezes carecem de informações mais amplas. É notório lembrar que a Lei 10.650[9] sancionada no dia 16 de abril de 2003, garante o acesso a informação ambiental, o que nem sempre acontece. Sob a guarda de órgãos e entidades da Administração Pública, direta, indireta e funcional, integrantes do Sisnama, da União, Estados, Distrito Federal ou Municípios as informações relativas aos seguintes fatos precisam ser divulgadas com clareza à sociedade:

[9] http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.650.htm

Qualidade do meio ambiente;
Políticas, planos e programas potencialmente causadores de impacto ambiental;
Acidentes, situações de risco ou de emergência ambientais;
Emissões de efluentes líquidos e gasosos e produção de resíduos sólidos;
Substâncias tóxicas e perigosas;
Organismos geneticamente modificados

Além disso, muitas vezes os jornais diluem a informação ou ocultam informações para alimentar apenas o sensacionalismo do problema.Assim, cresce a importância de uma mídia alternativa na cobertura de meio ambiente, principalmente em redes de jornalismo ambiental e agências de notícias e seus portais na internet, que se solidificam a cada dia em trabalhos sérios e responsáveis nas apurações e reportagens, aprofundando fatos e permitindo o tão necessário pensar ambiental ao público.

Para além do Mito da "Natureza Intocada": por um discurso jornalístico de abordagem sistêmica

Estabelecida durante a realização da Cúpula da Terra, no Rio de Janeiro em 1992 (Eco/92), a *Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB)* é depositária de um tratado internacional para a conservação e uso sustentável da biodiversidade, com o intuito de promover o compartilhamento dos muitos benefícios advindos da biodiversidade. Com 191 países membros signatários integrantes, a CDB goza de uma adesão quase total na comunidade das nações.Segundo as diretrizes gerais do encontro, divulgado pela UNESCO[10], a proteção da biodiversidade requer a adoção de medidas por parte de todos os níveis: o governo, o empresariado, o público e o privado. Centros de organização em todo o mundo estão empreendendo campanhas mobilizadoras para estimular esses grupos a tomarem medidas para salvaguardar a biodiversidade.O Ano Internacional da Biodiversidade 2010 tem como objetivo refletir sobre os esforços empreendidos, celebrar os êxitos alcançados e apoiar as medidas a serem tomadas: 'pretendemos criar uma rede de conhecimentos tendo como tema a real amplitude do significado da biodiversidade e o porquê da necessidade de sua proteção. Esta proporcionará uma plataforma para que todas as mensagens possam ser compartilhadas entre os participantes', segundo as diretrizes da UNESCO.

[10] Fonte: http://peaunesco.com.br/

Se 2010 foi eleito o *Ano Internacional da Biodiversidade*, o tema esta na pauta do ano para o jornalismo, e para isso, é preciso compreender os principais paradigmas que construíram a visão que temos hoje de natureza e meio ambiente em primeira instância, e em seguida, os discursos científicos que estão solidificados no tecido das expressões midiáticas, para assim, avaliar os resquícios desses paradigmas e discursos que permearam os séculos e resistem até hoje na abordagem jornalística, que influenciará diretamente a visão do leitor e da sociedade nas decisões políticas. Na sociedade ocidental a idéia de natureza separada da cultura foi predominante principalmente com o pensamento racionalista, de uma visão antropocêntrica que via a natureza de forma inerte, como uma pintura ou estátua, desvitalizada, isolada, selvagem, e perigosa, por um lado, e ainda assim, por este mesmo raciocínio, bela e admirável, distante como uma deusa, poderosa, intocável, assim, carregada de simbolismos:

> A noção do mito naturalista da natureza intocada do mundo selvagem, diz respeito a uma representação simbólica, segundo a qual existiriam áreas naturais intocadas e intocáveis pelo homem, apresentando componentes num estado puro, até anterior ao aparecimento do homem. Esse mito supõe a incompatibilidade entre as ações de quaisquer grupos humanos e a conservação da natureza. O homem seria, desse modo, um destruidor do mundo natural e, portanto, deveria ser mantido separado das áreas naturais que necessitariam de uma proteção total (DIEGUES,1996,p.283)

Para Moscovici (2007), é o amor a ciência de fato que abriria o diálogo necessário do campo científico, que estuda todas as complexas relações do meio natural, com a abordagem transdisciplinar que o ecologismo e as questões ambientais demandam, caminhando assim para um novo paradigma, o biocêntrico, da inter-relação do homem com o meio:

> Eu prontamente penso que se no passado os homens combateram pela liberdade da ciência, nos dias de hoje eles deveriam combater por limitar o seu poder.Ela está instalada numa hierarquia acima dos cidadãos e do debate aberto que permite uma escolha entre alternativas, pois jamais há uma solução única, encontramos sempre ao menos uma solução alternativa. Resistir ao poder da ciência é manifestar seu amor por ela.(...)A sociedade civil é mais lenta e vagamente alérgica a ciência, como a muitas outras coisas, o que inclui a arte.Se quisermos uma ciência pacífica, sob esse plano, devemos mudar toda uma atitude da sociedade para faze-la aceitar a ciência de maneira normal, dentre as funções ordinárias, e não unicamente sob o seu aspecto mágico, sob o aspecto do medo.(MOSCOVICI, 2007,p .49-50)

Atualmente, a temática ambiental no Brasil ganhou espaço depois de um longo período de invisibilidade pós Rio-92. Com o advento de tantos desastres ecológicos, questões políticas de ordem internacional e problemas sócio-econômicos nos grandes

centros urbanos globais, e nas economias locais, que estão diretamente ligados a uma reflexão mais profunda sobre o modo que o homem opera sua ação no mundo, a pauta ambiental passa a ocupar mais espaço atravessando diretamente todas as editorias do jornal e mostrando que:

> O jornalismo ambiental quebra o dogma da imparcialidade, tão discutida nos cursos de comunicação, ao tomar partido em favor da sustentabilidade, do uso racional dos recursos naturais, do equilíbrio que deve reger as relações do homem com a natureza, do transporte coletivo, da energia limpa, dos três erres do lixo - reduzir, reutilizar e reciclar - e de tudo aquilo que remeta à idéia de um novo modelo de civilização que não seja predatório e suicida, onde o lucro de poucos ainda ameaça a qualidade de vida de muitos e os interesses dos consumidores se soprepõem aos interesses do cidadão (TRIGUEIRO, 2003, 89)

De acordo com Lopes (2003), a mídia:

> carrega uma contradição intrínseca ao se apresentar como um ator social com princípios idealistas, comprometido com a verdade a pluralidade e o interesse público. Apesar desse discurso iluminista ou também por causa dele, os meios de comunicação chegaram ao final do século XX regidos pelas mesmas variáveis interconexas das categorias modernidade, industrialismo, mercado e tecnocracia, que estão na raiz da degradação ambiental e funcionam de forma antagônica aos princípios do paradigma ecológico (LOPES, 2003, p.136).

Ou seja, a mídia pode estar colaborando com o conformismo da sociedade civil frente as questões ambientais.E por isso é preciso pensar em uma forma mais contextual sobre a interligação entre sociedade, natureza e cultura como menciona Guatarri:

> Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar “ transversalmente as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referência sociais e individuais (GUATARRI, 1990, 25)

Em ano eleitoral, onde a candidata Marina Silva, ex-ministra do Meio Ambiente, propaga em campanha o Brasil como “ Potência Ambiental” , pela infinidade de recursos naturais e humanos que devem ser articulados para o desenvolvimento do país, a sustentabilidade virou a pauta do momento. E cada vez mais será preciso relacionar as questões ambientais com o dia-a-dia das pessoas, para que se sintam parte daquilo também. Muitas matérias ainda descrevem futuros amedrontadores sem a indicação de soluções concretas para os problemas que estejam ao alcance do cidadão comum, mostrando o drama, sem entrar na discussão.Se repórteres não argumentam, diz a regra da objetividade, podem e devem produzir sentido, extraindo do discurso de outros o que

consideram relevante. É necessário observar mais os acontecimentos, conhecer sobre o que se fala, apurar, pesquisar:

> Não é de se estranhar, portanto que a chamada grande imprensa dê mais importância a denúncias envolvendo áreas verdes e animais em extinção do que aos problemas ocasionados pela falta de saneamento básico nas periferias das grandes cidades ou pelas construções desordenadas em encostas. Para o senso comum de muitos jornalistas, esses últimos sequer são questões ambientais, mas políticas, da mesma forma que os transgênicos são um problema da ciência.(LOPES, 2003,144)

O discurso que propagou a produção e o consumo em larga escala, não valorizando o capital mais importante, o sócio-ambiental, foi o discurso da modernidade. Em grande parte não reconhecidos no processo histórico, os saberes e tradições das populações de comunidades locais interioranas espalhadas pelo Brasil, fruto de intensa miscigenação entre o branco colonizador, português, a população indígena nativa e o escravo negro, são de grande valia para a sustentabilidade de uma região, gerando renda para a comunidade local com projetos e políticas públicas de desenvolvimento e contribuindo para a economia nacional. Eles são camponeses, pescadores, e aprenderam a conviver com os recursos naturais porque estão diretamente ligados a eles e deles dependerem quase que exclusivamente em relação de simbiose, por estarem praticamente fora de macros processos produtivos e econômicos:

> Com isolamento geográfico relativo, essas populações desenvolveram modos de vida particulares que envolvem uma grande dependência dos ciclos naturais, um conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais, tecnologias patrimoniais, simbologias, mitos e até uma linguagem específica com sotaques e inúmeras palavras de origem indígena e negra (DIEGUES,1996,281)

É preciso desta forma fortalecer o posicionamento do jornalismo como um agente do debate público tanto na mídia alternativa como na mídia tradicional sobre o tema ambiental diante da ‘crise ecológica’ que vivemos, como menciona Siqueira (2009), considerando o que os manuais de redação pregam, mas muitas vezes não realizam pelos interesses políticos ou de mercado. Segundo o Manual do jornal Folha de São Paulo, *apud* LOPES (2003), ‘um jornal é, por excelência, um órgão formador de opinião pública.Sua força se mede pela capacidade que ele tem de intervir no debate público e, apoiado em fatos e dados exatos e comprovados, mudar convicções e hábitos, influir no rumo das instituições‘:

> Se esse grau de incerteza da duração do tempo da crise ecológica é, por um lado, angustiante, pela impossibilidade do ser humano de ter acesso clarividente ao futuro, por outro, é eticamente instigante, pois possibilita uma mudança mais imediata nos

> hábitos insustentáveis e uma lenta e profunda transformação dos costumes, na medida em que esses novos hábitos sustentáveis vão se consolidando culturalmente. (SIQUEIRA,2009,15)

Assim como o jornal é formado pela opinião pública, ele é formado por ela. Para a *Folha*, 'a opinião pública não é o conjunto da sociedade, mas sim os setores que interferem ativamente nos movimentos sociais, econômicos, culturais e políticos para conservar ou mudar seus rumos'(LOPES, 2003,p. 153).Desta forma, o jornalismo, com a influência das novas tecnologias se unindo a causa ambiental, amplia seu debate e forma profissionais, deixando um legado importante para as futuras gerações, do que estamos fazendo e o que ainda devemos pelo meio ambiente.O jornalismo ambiental, que tem por base a reflexão sobre a Ecologia, divulga a necessidade de se instaurar em sociedade um estilo de vida mais contextualizado e sustentável, por um paradigma não *ego*, mas *eco*cêntrico, com novos modos de agir e pensar no mundo neste novo século.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Leonel Azevedo de . *Representações da crise do meio ambiente no jornalismo científico.* In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro.

Wilson da Costa BUENO, *Jornalismo científico no Brasil: aspectos teóricos e práticos.*São Paulo, CJE/ECA/USP, 1988.

BUENO, Wilson.*O jornalismo ambiental não envelheceu, coisa alguma.*Artigo(in) Envolverde/Ecoagência, 06 de janeiro de 2009.

DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito do paraíso desabitado: as áreas naturais protegidas.*In:FERREIRA, Leila, VIOLA, Eduardo. *Incertezas da sustentabilidade na globalização.*Campinas: Editora da Unicamp,1996.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias.* Campinas, São Paulo: Papirus, 1990.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência.O futuro do pensamento na era da informática.*São Paulo: Editora 34, 1995.

LOPES, Sônia Aguiar. *Formação da cidadania:comunicação e informação da sociedade.*In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo.(org.).*Cidadania e Meio Ambiente.*Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003.

McCORMICK, John.*Rumo ao Paraíso - A história do movimento ambientalista.*Rio de Janeiro, Relume Dumará,1992.

MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade.*Rio de Janeiro:Revan:2002.

MOSCOVICI, Serge. *Natureza: para pensar a Ecologia.*Coleção EICOS. Rio de Janeiro:Mauad X,2007.

SIQUEIRA Josafá Carlos de.*Ética socioambiental*.Rio de Janeiro :PUC-Rio, 2009.

TRIGUEIRO, André. (org.) *Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental.*Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. *Mundo Sustentável:abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação*. Rio de Janeiro:Globo, 2005.